

COMISSÃO NACIONAL DOS DIÁCONOS

A IDENTIDADE DO SER DIACONAL

A PALAVRA DE DEUS GERANDO COMUNHÃO ECLESIAL

LEMA: UM SO CORPO, UM SÓ ESPÍRITO, UMA SÓ ESPERANÇA.

IX ASSEMBLÉIA GERAL DA CND

INDAIATUBA, SÃO PAULO, 7 a 10 DE ABRIL DE 2011

(Apelo à unidade)

“Há um só Corpo e um só Espírito, assim como é uma só a esperança com que fostes chamados; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo, há um só Deus e Pai de todos, que é sobre todos, por meio de todos e em todos.” (Ef 4, 4-6)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

ENCONTROS INTER-REGIONAIS

INTRODUÇÃO

PRIMEIRA PARTE

A REALIDADE DA VIVÊNCIA DA COMUNHÃO

SEGUNDA PARTE

FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS DA IDENTIDADE DO SER DIACONAL

TERCEIRA PARTE

CONSTRUIR A COMUNHÃO A PARTIR DO SERVIÇO AOS POBRES

CONCLUSÃO

HISTÓRIA DOS ENCONTROS, CONGRESSOS E ASSEMBLÉIAS NACIONAIS DE DIÁCONOS

ENCONTROS INTER-REGIONAIS

Os encontros inter-regionais são programados como preparação para a Assembléia Geral dos Diáconos do Brasil. Estão pensados para facilitar a participação e envolvimento do maior número de diáconos na reflexão proposta para a Assembléia, já que nem sempre todos podem estar presentes nas Assembléias Nacionais. Participar dos encontros regionais sempre se torna um pouco mais fácil. Estes encontros são organizados sob a coordenação das Comissões Regionais de Diáconos, que logicamente incluem em seus programas assuntos de interesse para o Regional, porém colocando como tema central: A identidade do ser diaconal.

Objetivos dos Encontros:

- *Fazer uma profunda reflexão sobre A IDENTIDADE DO SER DIACONAL, de modo que consigamos maior consciência do que somos e da essência do nosso ministério.*
- *Propiciar o encontro e a convivência entre os diáconos dos regionais mais próximos para crescimento na fraternidade e na troca de experiências.*
- *Preparar a Assembléia da Comissão Nacional dos Diáconos.*

Encontros	Data	Local

INTRODUÇÃO

O tema central da nossa Assembléia não é uma simples retomada de assunto sobre as características do diácono permanente. Desta vez queremos abordar a essência do ser diaconal. Ser construtores de comunhão e unidade.

Em nosso tema central, o termo “identidade” nos leva a reconhecer o que nos diferencia dos outros, o que nos caracteriza, o que é próprio do diácono e seu ministério. Acreditamos que seja possível seu reconhecimento ou identificação focalizando seu serviço, que traz implícita a idéia de finalidade. Que serviço ele realiza? Qual é sua finalidade? Para que ou para quem ele existe? Que relação predomina entre ele e o objeto de sua diaconia? Em relação ao diácono, ao ministro ordenado, muitos documentos do Magistério nos dizem quem é ele e nos apontam características que nos conduzem à sua identificação; mesmo assim desejamos refletir sobre seu ministério de unidade no contexto atual.

Com a expressão “ser diaconal” queremos não tanto destacar o sentido de serviço inscrito na existência de todos os seres, - todos os seres vivos existem em função dos outros-, mas o ser diaconal do diácono, enquanto ministro ordenado da Igreja.

Seguindo o método ver, julgar e agir, percebemos primeiro, com realismo, as dificuldades, desafios e sinais positivos da nossa vivência da unidade e comunhão.

Não nos desanimam os obstáculos à comunhão eclesial, entendida como profundo acolhimento dos carismas, dons e ministérios de todos os ministros ordenados, dos ministros não ordenados, dos religiosos e das religiosas e de todos os leigos, cuja vocação laical necessita ser mais reconhecida e incentivada.

Neste sentido é indispensável que a Palavra de Deus ilumine nossa reflexão. Ela é geradora da comunhão eclesial. Ela está presente no cenário da criação dos céus e da terra. Na criação do homem e da mulher. Na história da redenção da humanidade. Na transmissão viva da Igreja e em seu Magistério. Cremos com a Igreja, que o Espírito que animou os escritores sagrados e anima a Tradição Apostólica nos direciona sempre para a construção e sustentação da comunhão eclesial, chamada a ser guardiã da rica diversidade de diaconias.

“Há um só Corpo e um só Espírito, assim como é uma só esperança com que fostes chamados; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo, há um só Deus e Pai de todos, que é sobre todos, por meio de todos e em todos” (Ef. 4, 4-6). Neste trecho paulino, estão os termos básicos de nosso lema, formulado desta maneira: **UM SÓ CORPO, UM SÓ ESPÍRITO, UMA SÓ ESPERANÇA**. Em algumas edições bíblicas, existe um subtítulo acima destas palavras: **APELO À UNIDADE**. Nosso lema não deixa de ser um forte convite à unidade. O convite é feito, em primeiro lugar, a nós mesmos, diáconos permanentes. “Cada diácono permanente deve cultivar esmeradamente sua inserção no corpo diaconal, em fiel comunhão com seu bispo e em estreita unidade com os presbíteros e os demais membros do povo de Deus. Quando estão a serviço de uma paróquia, é necessário que os diáconos e presbíteros procurem o diálogo e trabalhem em comunhão” (DA 206).

Não resta a menor dúvida de que o convite embutido no lema é dirigido às autoridades eclesiásticas, aos presbíteros e, enfim, a todos os membros do povo de Deus. Cada um de nós, sem exceção, deve abrir-se ao Espírito Santo, e por ele conduzido, trabalhar na criação de grupos ou corpos distintos que atendam à singularidade de seus carismas e dons. Dentro deste sentido, podemos falar de **CORPO DIACONAL, CORPO EPISCOPAL, CORPO PRESBITERAL** e – por que não? – **CORPO LAICAL**. Seja a distinção apenas um meio através do qual possamos perceber com mais clareza os compromissos e atividades de cada grupo ou corpo.

Não nos leve tal distinção a abafar a revelação bíblica de que com Cristo formamos um só **CORPO**, onde ele é cabeça e todos nós somos seus membros, exercendo as mais diversas diaconias: “Ora, vós sois o corpo de Cristo e cada um, de sua parte, é um de seus membros” (1Cor 12, 27) – “Ele é a cabeça do corpo, da Igreja” (Cl 1, 18). Continue predominando na distinção dos corpos a teologia da corresponsabilidade.

No lema, a que esperança nós nos referimos? A esperança da realização da oração de Jesus: “Pai, que todos sejam um”(Jo 17, 20). Fundamentalmente, referimo-nos à esperança de vida nova em Cristo: “Se, portanto, ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo está sentado à direita do Pai. Afeiçoai-vos às coisas lá de cima, e não às da terra. Porque estais mortos e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus. Quando Cristo, vossa vida, aparecer, então também vós aparecereis com ele na glória.” (Cl 3, 1-4) É esta esperança que nos anima a debruçar-nos sobre a diaconia de Deus no cenário da criação, a diaconia de todos os seres por ele criados, a diaconia daqueles que trazem consigo a imagem e a semelhança de Deus, a diaconia daqueles que foram chamados ao ministério ordenado.

No agir propomos linhas de ação, desde a nossa realidade de cidadãos, profissionais, pais de família, membros da comunidade eclesial e ministros ordenados, para a construção da comunhão e da unidade. Acreditamos que a teologia da corresponsabilidade seja um dos caminhos por onde deverá passar a verdadeira instalação da comunhão eclesial.

Os estudos propostos para os nossos interregionais em 2010, e para a IX Assembléia Geral da Comissão dos Diáconos, em 2011, amarrados pelo tema central, subtema e lema, têm íntima conexão com os que foram apresentados na VIII Assembléia Geral da Comissão Nacional dos Diáconos, no período de 1 a 4 de fevereiro de 2007, em Luziânia (GO). Na Assembléia anterior, consideramos as diaconias como “uma resposta aos novos desafios da missão da Igreja”, propondo aos diáconos permanentes empenho “por uma evangelização inculturada e uma sociedade sem excluídos.” Devido a afinidade entre os dois temas, pontos comuns serão normais e esperamos que eles reforcem nossas idéias sobre a identidade diaconal e os compromissos dos diáconos permanentes diante de tantas realidades que exigem esforços concentrados. Sugerimos que o atual estudo seja feito à luz do anterior e que estabeleçamos entre os dois uma relação de complementariedade. No primeiro, o enfoque maior é a formação de diaconias; no segundo, pretende-se lançar idéias sobre a identidade do ser diaconal.

Entregamos o presente trabalho ao Senhor da messe e que ele nos envie seu Espírito para nos conduzir. Sejam Maria Santíssima, com sua vigilância maternal, intercessora dos filhos e filhas do Deus Altíssimo, e São Lourenço seta que nos mostre o acesso ao coração do homem e ao reconhecimento de sua dignidade.

PRIMEIRA PARTE

A REALIDADE DA VIVÊNCIA DA COMUNHÃO

Acreditamos ser muito oportuno lembrarmos o estudo realizado na VIII Assembléia da CND, de 2007, em Luziania – Goiás: *Diaconias: uma resposta aos novos desafios da missão da Igreja*. As diaconias continuam sendo uma resposta. É impossível continuarmos uma caminhada de serviço – diaconia – fora de uma dimensão comunitária. A diaconia, como serviço sistemático e organizado para dar uma resposta a uma situação concreta, traz-nos esse aspecto, pois ela é “uma comunidade, de dimensões humanas, animada por um diácono”, voltada principalmente “para o serviço da caridade”.

Continuam sendo fortes e verdadeiras estas palavras do documento que nos guiou na VIII Assembléia da CND: “Vivemos em uma cultura que destrói o sentido de comunidade e leva a viver um individualismo exacerbado em que cada um luta pela sobrevivência sem se interessar pelos outros. Tudo é feito por interesses. Tudo é regulado pela ganância.” No parágrafo seguinte: “Hoje até os laços de sangue se desmoronam. Até a comunidade familiar tem dificuldades para se manter de pé. Não há interesse pelas comunidades. As paróquias deixaram de ser comunidades, pois a maioria dos fiéis participa apenas dos cultos sem compromisso com a comunidade. Hoje é muito difícil formar comunidades. Sabemos que não há cristianismo sem comunidade. Daí o grande desafio para o cristianismo e para a Igreja no século XXI.”

Mais adiante, reforça o documento: “A diaconia é uma comunidade onde se aprende a viver a unidade, a comunhão e a partilha. Onde se aprende a viver a gratuidade. “O elemento da comunhão (koinomia), (...) consiste precisamente no fato de os crentes terem tudo em comum, pelo que, no seu meio, já não subsiste a diferença entre ricos e pobres”. (Cf. Bento XVI, Deus é amor, n. 20) (Cf. também At 4, 32-37). Esse vínculo dos membros da comunidade é tão forte que entre eles “não deve haver ninguém que sofra por falta do necessário”. (Cf. Deus é amor, n. 25)”.

1. A realidade social.

“A sociedade cada vez mais globalizada torna-nos vizinhos, mas não nos faz irmãos”.¹ Nesta frase encontramos o retrato da sociedade hoje.

O modelo social que se tratou de impor aos povos nos últimos séculos, levou o homem a perder de vista a justiça, a ética, o bem comum, a verdade, a caridade. Como resultado vivemos tempos de desintegração com a natureza, com os próprios homens e com Deus. O homem, no lugar de viver em harmonia com a natureza a agride. Estão desaparecendo de sua flora inúmeras espécies de plantas e frutos; em

¹ BENTO XVI. *Carta Encíclica Caritas in Veritate*, n. 19. São Paulo, Paulinas, 2009.

sua fauna, já são milhares os animais em extinção; em suas fontes e rios, escasseia a água; em sua terra, já se percebe com frequência a infecundidade de seu solo; em seu clima, as conseqüências desastrosas do efeito estufa.

O homem no lugar de buscar a paz e harmonia com os homens, o agride com guerras, com fome, com a falta de condições sanitárias, com carência no sistema de saúde, com condições ínfimas e escravistas de trabalho, com novas pobreza.

O desenvolvimento pautado só pelo avanço tecnológico e científico a serviço do lucro capitalista conduziu o homem a uma equivocada auto-suficiência achando que Deus é supérfluo.

A sociedade vive hoje um processo de globalização que tem seus aspectos positivos e negativos. Porém os aspectos negativos afetam à maioria dos povos do mundo. A globalização produz novas formas de empobrecimento, exclusão e injustiça.

Os pobres cada vez ganham novos rostos: comunidades indígenas e afro-americanas tratadas sem dignidade e igualdade de condições; mulheres excluídas, por razões de sexo, raça ou situação econômica; jovens com educação de baixa qualidade, sem possibilidades de entrar no mercado de trabalho e de constituir família; pobres, desempregados, migrantes, desalojados, sem-terra, que buscam sobreviver na economia informal; crianças submetidas à prostituição infantil e ao aborto; milhões de pessoas e famílias que vivem na miséria e inclusive passam fome; dependentes de drogas, deficientes físicos, portadores do HIV, tuberculose e malária, excluídos da convivência familiar e social; seqüestrados, vítimas da violência, do terrorismo, de conflitos armados e da insegurança urbana; idosos, excluídos do sistema de produção e muitas vezes rejeitados por suas famílias; presidiários em situação desumana (cf. DA 65).

Estes rostos dos pobres, sofredores e excluídos nos desafiam a viver como Igreja samaritana (cf. DA 26). Nos mostram como estamos longe de viver uma autêntica ecologia humana e ambiental. Como ainda estamos longe de uma autêntica fraternidade e comunhão mundial.

“Com certeza não é sinal de relação trinitária da humanidade com a natureza o fato de a Terra correr risco de colapso ecológico. Menos ainda o fato de 80% da contaminação deverem-se ao modo de vida de 15% da população da Terra, como denunciou o secretário-geral do Conselho Ecumênico de Igrejas, K. Raiser, na Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas: “Os países industrializados são responsáveis por três quartos da contaminação ambiental de nosso Planeta”. Tampouco o é, como declarou o diretor da Agência da ONU para o Ambiente, o fato de mais de cinco milhões de pessoas morrerem anualmente por falta de água limpa e potável, ou o fato de morrer uma criança a cada oito segundos por enfermidades devidas à água contaminada, sabendo-se que bastaria investir cinquenta dólares por pessoa para que se superasse essa praga da humanidade (um único “míssil

inteligente” chega a custar cerca de um milhão de dólares, e um “bombardeiro invisível”, vários milhões de dólares).

São apenas alguns exemplos, entre tantos possíveis, dos típicos desequilíbrios antitrinitários que, também nesse campo abundam em nosso Planeta.

O planeta Terra chegou à sua atual configuração depois de milhões de anos, e o homo sapiens habita-o há pelo menos cento e cinquenta mil aos. Porém, em dois séculos de superexploração, desencadeada pela industrialização, conseguimos levá-lo ao risco de autodestruição. Cada vez estamos conscientes não só dos perigos inerentes à crise ecológica, mas, sobretudo de que o atual modelo de desenvolvimento industrial-tecnológico-capitalista não é sustentável, destrói a natureza e se volta contra a humanidade. A expressão “desenvolvimento sustentável” (isto é, um conceito de desenvolvimento não identificado com o crescimento econômico a qualquer custo e, portanto, irresponsável) foi cunhada pelo Conselho Ecumênico de Igrejas já em 1970”.²

“As modalidades com que o homem trata o ambiente influem sobre as modalidades com que trata a si mesmo e vice-versa”.³

É hora de ver não só como está a nossa relação com a natureza, mas também a nossa relação com as outras pessoas. Como diáconos, a maioria homens casados, temos uma rede de relaciones familiares. Também como profissionais nos relacionamos com empregados e empregadores. Como membros da comunidade temos inúmeros contatos com pessoas das mais diferentes classes sociais e situações de vida. Como ministros ordenados enfrentamos diferentes situações nas relações com presbitérios e bispos.

Este momento do ver deve servir para analisar como estão as nossas relações com as mais diversas pessoas que entram em contacto conosco ou que nos vemos obrigados a entrar em contato com elas. Ver si esses relacionamentos são sempre pautados pelo amor e pela caridade. Ver si estamos realmente sendo construtores de comunhão e de unidade.

Sabemos por manifestações das próprias esposas, que em ocasiões, alguns diáconos vivem “divorciados” entre as suas responsabilidades familiares e matrimoniais e o seu empenho ministerial. A insatisfação que algumas esposas manifestam é sinal revelador de que não existe uma consciência da primazia do atendimento e construção da unidade matrimonial e familiar a respeito dos compromissos comunitários. Quem vive a comunhão e unidade com a sua esposa, filhos e familiares, poderá ser um bom construtor de comunhão e unidade na sociedade e na Igreja. As maiores dificuldades de um certo “indiferentismo” da esposa e dos filhos a respeito do ministério diaconal do esposo ou dos filhos está justamente na “exorbitação” exagerada e desequilibrada da dedicação à comunidade.

² CAMBON, Enrique. *Assim na Terra como na Trindade*. São Paulo, Cidade Nova, p. 140 e 146.

³ Bento XVI. *Carta Encíclica Caritas in Veritate*, n.51. São Paulo, Paulus, 2009.

Devemos sempre lembrar que a nossa primeira obrigação é para com “a Igreja doméstica”. Construir a comunhão e a unidade na “Igreja doméstica” é para o diácono sua primordial responsabilidade.

Muitos diáconos dizem que esperam servir mais a Igreja quando se aposentarem, já que vão dispor de mais tempo. Isto manifesta uma inadequada compreensão do valor evangelizador do ministro ordenado inserido nas atividades profissionais e sociais. O nosso ministério, como profissionais das mais diversas áreas de trabalho, se realiza muito mais nos ambientes de trabalho do que nas celebrações e atividades pastorais da Igreja.

1. A realidade eclesial.

Em Aparecida, os bispos latino-americanos e caribenhos nos deram uma lição, que é importante ter sempre presente. Reconheceram as sombras ou deficiências na realização da missão da Igreja especialmente junto aos pobres.

Confirmam que há tentativas no interior da Igreja de voltar a uma eclesiologia e espiritualidade contrárias à renovação do Concílio Vaticano II. Isto, entre outras coisas, significa colocar em risco uma eclesiologia de comunhão e participação, de diálogo com a sociedade, de abertura aos sinais dos tempos.

Constatam que é muito fraca a vivência da opção pelos pobres. Que é escasso o acompanhamento aos leigos em suas tarefas de serviço à sociedade. Que praticamos uma evangelização com pouco ardor e sem novos métodos e expressões, com ênfase no ritualismo, sem itinerário formativo.

Igualmente constata a falta de aplicação da Doutrina Social da Igreja. Falta de presença no campo da cultura, no mundo universitário e na comunicação social. A falta de assistência às comunidades.

Falta de comunhão de bens nas Igrejas locais e entre elas.

Não se assume suficientemente as pastorais sociais.

Falta uma sólida estrutura de formação dos agentes de pastoral.

A Igreja deixa sem Eucaristia um número cada vez maior de comunidades.

Reconhece que falta aos católicos em algumas ocasiões um estilo de vida conforme ao Evangelho. Assim como falta coragem persistência e docilidade para continuar a renovação iniciada pelo Vaticano II e impulsionada pelas anteriores Conferências.

Diante desta realidade o Documento de Aparecida diz que a Igreja necessita de uma renovação que implica reformas espirituais, pastorais e também institucionais (cf. DA 367).

A paróquia aparece como o maior alvo das mudanças estruturais e ao mesmo tempo como grande desafio. O desafio de renovar a paróquia. Renovar a estrutura

paroquial. Que não seja mais um centro monopolizador, centralizador, burocrático, imenso de tamanho, sem possibilidade de fazer crescer as pequenas comunidades que estão sob a sua jurisdição territorial. As paróquias precisam ser repensadas e adequadas a realidade urbana de hoje.

O Documento de Aparecida apresenta como desafio e como outro problema estrutural grave a falta e má distribuição de presbíteros. Há dioceses muito bem servidas de presbíteros e dioceses quase sem eles. Isto é uma contradição para uma Igreja que é por essência missionária. Sobre a falta de presbíteros temos que reconhecer que entre outras causas se deve a insistência em um modelo de formação e exigências aos vocacionados que se torna muito seletiva e elitista.

Por outro lado não se quer mexer na estrutura ministerial. O Documento de Aparecida silencia sobre a inovação dos ministérios.

Também se reconhece que é urgente criar espaço e estruturas que favoreçam maior inclusão e participação da mulher na sociedade e na Igreja. (454)

Aparecida propõe avançar “na estruturação de uma Pastoral Orgânica, para servir melhor às necessidades dos fiéis” (99g) e entre os fiéis a prioridade é dos pobres. Parece muito difícil trabalhar em vistas de um projeto comum. Cada paróquia, comunidade, movimento, e diria cada ministro, ou até cada animador de comunidade ou fundador, quer levar adiante apenas o seu projeto. Não é que os projetos específicos de cada instância devam ser abandonados. A questão é ser capaz de sintonizá-los com o projeto comum.

A questão da renovação das estruturas deve passar pela ótica dos pobres. Deixar para trás estruturas que não estão ajudando a evangelizar os pobres. È a partir deles que devemos pensar em novas estruturas. Na Igreja “casa dos pobres” é preciso que eles tomem conta da sua casa. Só criar estruturas que os próprios pobres possam gerenciar, estruturas abertas para acolher a todos (cf. 100,121,412,446e) e contextualmente situadas.

“Nenhuma comunidade deve isentar-se de entrar decididamente, com todas as forças, nos processos constantes de renovação missionária e de abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favoreçam a transmissão da fé” (365, cf. 172).

Como vemos a realidade eclesial nos coloca o grande desafio de renovar de tal forma a espiritualidade, a pastoral e as instituições que efetivamente sejamos uma Igreja casa e escola de comunhão. Os diáconos, como ministros ordenados, estão ligados ao ministério do bispo. “Os bispos, (...) somos chamados a “fazer da Igreja uma casa e escola de comunhão” (DA 188, cf. NMI 43).

O grande desafio é como fazer uma experiência de vida comunitária, de comunhão dentro das estruturas e do estilo atual de Igreja. Na maioria das nossas paróquias o cristão é um anônimo. Não se estabelecem vínculos afetivos entre os membros. A superficialidade campeia nos relacionamentos. A ponto de ninguém saber se algum membro deixou de participar das celebrações, nem porque motivos.

Creio que nessa tarefa de fazer da Igreja “casa” esteja o primeiro segredo para atingir a comunhão. Numa casa os membros da família em geral são poucos. Mas mesmo nas famílias mais numerosas, todos sentem os laços que os une. O convívio é diário e todos se empenham no bem de todos. Casa é lugar de aconchego, lugar de sentir o amor de um pai e de uma mãe. Poderíamos dizer que a casa é lugar de comunhão.

A imagem da Igreja como “casa” pode nos ajudar a perceber que talvez a organização estrutural da Igreja em paróquias territoriais com milhares de fiéis não responde mais às necessidades e exigências de nossos dias. O próprio sistema utilizado por Jesus na organização das massas na parábola da multiplicação dos pães e dos peixes nos mostra que o atendimento deve ser feito em pequenos grupos.

Aqui nos defrontamos com a necessidade de criar e organizar as pequenas comunidades. Junto com isto preparar os animadores e coordenadores dessas pequenas comunidades. Aí esbarramos de novo na questão ministerial. Temos que dar responsabilidade efetiva a esses animadores.

Entramos no desafio da formação. Formação dos ministros ordenados e dos não-ordenados. Como propiciar uma efetiva experiência de comunhão na formação? Creio que essa experiência fica muito deficitária nos centros de formação. Essa experiência deve ser nas próprias comunidades. Quem participa de uma comunidade que vive a comunhão, carrega essa experiência para sempre. É um estilo de vida que configura ao cristão e o marca para sempre. Ele não saberá viver sem ser em comunhão.

São Pedro na sua primeira carta vai dizer aos cristãos que estão sofrendo porque estão longe, dispersos e são pobres: a união de vocês seja a vossa casa. O amor e a convivência entre vocês é a casa de vocês. É esse amor que nos une que nos torna verdadeiros evangelizadores e missionários.

Por outro lado temos a imagem de Igreja como “escola”. Não podemos entender a escola no sentido do sistema de educação formal que temos organizado na sociedade atual e que sabemos que está superada. Nesta comparação da Igreja com uma escola, devemos ter presente o modelo de convivência e seguimento que o discípulo tinha com o seu mestre no tempo de Jesus. Poderíamos dizer que o próprio Jesus cria a “escola dos apóstolos”. Uma escola de convivência. Uma escola de experiências vivas. Uma escola de partilha. Como fazer de cada uma das nossas comunidades uma escola ao estilo da escola de Jesus? Como fazer de cada uma das nossas comunidades “casa” e “escola” ao mesmo tempo? O desafio para os ministros ordenados de modo especial os diáconos é como sermos pais e irmãos dos pobres. Como sermos mestres que ensinam com o testemunho?

Infelizmente ainda encontramos diáconos que não vivem em comunhão com os seus bispos e o presbitério. Normalmente são aqueles que fizeram do diaconado uma meta pessoal para conseguir realizar o que eles pensaram, seus gostos e projetos. São aqueles que só sabem criticar a todos. Aqueles que nunca participam das reuniões dos

ministros ordenados. Aqueles que não acreditam nem se engajam nos projetos diocesanos. Aqueles que concentram o seu ministério apenas nas celebrações litúrgicas, muitas vezes como profissionais ou funcionários da religião.

Ainda é impressionante o desconhecimento que existe entre padres e fiéis leigos sobre o ministério do diácono. Quando não se conhece é difícil viver a comunhão. Por isso um dos desafios para viver a comunhão continua sendo a necessidade de divulgação deste ministério. Seja na catequese, entre os seminaristas, seja na formação que propiciam os movimentos aos seus membros.

Outro desafio que enfrentamos é a dificuldade de propiciar aos candidatos ao diaconado uma formação que os leve a experimentar o que significa viver a comunhão e a unidade. Nossas escolas continuam ainda mais preocupadas com a dimensão intelectual do que com a dimensão eclesial-comunitária.

Por outro lado, mesmo depois de ordenados, as experiências nem sempre são muito positivas nas paróquias, pois os relacionamentos são a maioria das vezes pautados pelo “fazer” coisas, mais do que pelo compartilhar vida e experiências. Na maioria das vezes não se estabelecem laços humanos, de verdadeira amizade nem com o vigário, nem com os agentes de pastoral.

Em muitos casos assistimos a um total despreparo dos diáconos no campo do conhecimento psicológico das pessoas. Isto traz grandes dificuldades para conseguir relacionamentos equilibrados e muito mais para construir comunhão e unidade com todos. Os casos de choques, de mal entendidos, de concorrências, são a expressão de uma deficiência de formação e falta de maturidade.

A realidade social e eclesial não é pautada só por aspectos tristes e negativos. Sabemos que há muitos sinais de esperança. Muitos homens de boa vontade lutando por salvar o planeta, por conseguir condições de vida para os mais necessitados. Muitos que dão a vida para resgatar a vida do ser humano e das criaturas da criação toda. Há muitas comunidades e grupos de pessoas dando autêntico testemunho de comunhão. São como a luz que brilha, orienta, ilumina e aquece a todos aqueles que acreditam na globalização da humanidade na solidariedade e na comunhão. Aqueles que acreditam na “civilização do amor”.

Para refletir em grupos

1. Que diácono eu sou?
2. Qual é a imagem de diácono que predomina na Igreja do Brasil?
3. O que dizem os outros que são os diáconos?

SEGUNDA PARTE

FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS DA IDENTIDADE DO DIACONO

Diante das sombras e deficiências da nossa realidade comunitária, temos que procurar luzes na Palavra de Deus. Estamos unidos na busca de traços que nos ajudem na identificação de nossa diaconia, de nosso serviço, ou reforcem em nós o que a Igreja nos tem dito a respeito da identidade de nosso ministério. Desejamos reafirmar para nós mesmos: a nossa mais profunda identidade diaconal encontra-se na diaconia de Deus. Mergulhados em seu mistério, notadamente em seu ato criador do “céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis”, mergulhamos em nossa mais profunda identidade diaconal. Tal mergulho deve fazer aflorar em nós a sensibilidade que leve a perceber claramente que somos chamados, desde a eternidade, para formarmos com a Santíssima Trindade uma parceria agradável ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Estamos no íntimo da Santíssima Trindade e ela está em nós. O que somos e o que fazemos devem manifestar ao mundo e à natureza a nossa unidade ontológica com as três Pessoas Divinas. Pertencemos ao Pai, seguimos o Filho e nos deixamos ser conduzidos pelo Espírito.

1. A TRINDADE FONTE E MODELO DE COMUNHÃO E UNIDADE.

Em sua liberdade inefável, Deus faz-se diácono do amor. Amor é ação. Amor é movimento de construção. Amor é sair de si. Impulsionado pelo Espírito Santo, o evangelista João, declara que Deus é amor (1Jo. 8.16). Ele o experimentou na pessoa de Jesus Cristo. É ele mesmo quem, na redação do Evangelho de Jesus Cristo, nos fala que “com efeito, de tal modo Deus amou o mundo, que lhe deu seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3, 16). Ele compreende que “Deus tomou a iniciativa dum diálogo de amor com os homens; em nome desse amor ele os induz e lhes ensina a amar-se uns aos outros”.⁴ O homem bíblico vê na criação o primeiro ato de amor de Deus. Na obra da criação, o homem mergulha no amor incomensurável de Deus e encontra a resposta à perguntas angustiantes que ele formula a si mesmo: Por que existo? - Para que existo? – Para quem existo?

A obra da criação é obra da Santíssima Trindade. O Pai está presente. O Filho está presente. O Espírito Santo está presente. Não estão presente três deuses, “mas um só Deus em três pessoas: “a Trindade consubstancial”. As pessoas divinas não dividem entre si a única divindade, mas cada uma delas é Deus por inteiro: “O Pai é aquilo que é o Filho, o Filho é aquilo que é o Pai, o Espírito Santo é aquilo que são o

⁴ Cf. *Vocabulário de Teologia Bíblica*, Editora Vozes, verbete amor.

Pai e o Filho, isto é, um só Deus quanto à natureza.” Ao expor a criação como obra da Santíssima Trindade, o Catecismo da Igreja nos lembra: “O Novo Testamento revela que Deus criou tudo através do Verbo Eterno, seu Filho bem-amado. Foi nele “que foram criadas todas as coisas, nos céus e na terra... tudo foi criado por Ele e para Ele. Ele é antes de tudo e tudo nele subsiste” (Cl 1, 16-17). A fé da Igreja afirma outrossim a ação criadora do Espírito Santo: Ele é o “doador de vida”, “o Espírito Criador” (“*Veni, Creator Spiritus*”), a “Fonte de todo bem”.” (CIC 292)

Na ação criadora de Deus, existe uma diaconia – serviço - voltada para o homem. Deus é um ser diaconal. A vida do homem está na visão eterna de Deus: ele “nos escolheu nele (em Cristo) antes da criação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis, diante de seus olhos” (Ef 1, 4). A eleição de que somos objetos por parte de Deus é fruto do amor incondicional de Deus pelas suas criaturas. Dentro da perspectiva de Gênesis 1, 26, a criação do homem é consenso das três Pessoas Divinas: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança”. Consenso eterno dentro de um eterno diálogo. A criação especial do homem desperta no próprio homem uma inquietação ontológica: “Que é o homem, digo-me então, para pensardes nele? Que são os filhos de Adão, para que vos ocupeis com eles?” (Sl 8, 5) Estupefato, o homem reconhece que ele foi criado “quase igual aos anjos” e de “glória e honra” foi coroado (Sl 8, 6). Compreende que ele é colocado como administrador sobre as obras saídas das mãos de Deus e que todo o universo está sob seu domínio (Sl 8, 6-7). Reconhecendo nossa limitação na apreensão das virtudes manifestadas por Deus na criação do “céu e da terra” e “de todas as coisas visíveis e invisíveis”, distinguimos a gratuidade divina, a liberdade da Santíssima Trindade, o amor trinitário, o chamado do homem à existência para a vida de comunhão com o Pai, o Filho e o Espírito Santo, a criação do mundo para manifestar a glória do Deus Uno e Trino.

Percebemos olhando para a Trindade, que a criação de Deus é ato de amor; por ser Amor, Deus sai de si mesmo; a criação revela a gratuidade divina; de modo distinto, na criação do homem, revela-se a dimensão dialogal de Deus; criando o homem, Deus o chama para ser parceiro na construção do mundo; a revelação de Deus Uno e Trino revela-nos que Deus é comunidade; Deus busca a interação com todas as suas obras: a interação de Deus com suas obras manifesta a providência divina; mesmo após a queda do homem, Deus não o abandona; em comunhão com o homem, Deus penetra na história da humanidade.

Vemos que a autêntica diaconia é fruto do amor, do sair de si mesmo para estabelecer interação com o outro, em total gratuidade e ausência de busca de seus próprios interesses. Só existe diaconia verdadeira quando se caminha em direção ao

diálogo interessados em construir no mundo uma nova ordem que passe pela ética, pela justiça, pela solidariedade.

2. A COMUNHÃO E UNIDADE DE TODA A CRIAÇÃO.

Falar da diaconia de todas as coisas visíveis e invisíveis é tentar penetrar no mistério da vontade de Deus em relação às suas obras. É no cumprimento da vontade divina que todas as coisas visíveis e invisíveis exercem sua diaconia, isto é, seu serviço, a finalidade para qual foram criadas. Não existe diaconia autêntica fora da submissão da vontade de Deus. Não se trata de submissão cega e arbitrária. Em certo sentido, a diaconia a que nos referimos é a sustentação da vontade divina, impressa em todos os seres criados pela sua onipotência.

Diz-nos a Sagrada Escritura: “Narram os céus a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra de suas mãos” (Sl 18, 2). Cada obra criada por Deus é manifestação da onipotente sabedoria divina. Manifestação de seu amor. Deus, em sua infinita liberdade, fez-se diácono do amor. A natureza, céus e terras, com todos os seus seres visíveis e invisíveis, traz impressa a finalidade para a qual foi criada. A realização de seu objetivo, o objetivo de cada obra criada, revela sua diaconia no cenário da criação. A diaconia deita raízes na finalidade da obra. Por que foram criados os céus? Por que foi criado o firmamento? Por que foi criada a terra? Por que foi criado o homem? Qual a razão da existência dos anjos? A verdadeira diaconia está na resposta verdadeira destes questionamentos. Não encontraremos a verdadeira resposta fora da interação de todos os seres criados por Deus.

Em seu texto-base, a CF-2008, lembrou-nos: “Procedemos de um desígnio de sabedoria e amor”. Portanto, em cada obra criada existe uma sabedoria a ser descoberta e um amor a ser revelado. A diaconia de cada obra criada é revelação da sabedoria e é revelação do amor. Aos olhos perspicazes, a pintura revela a sensibilidade do artista. Não apenas a sensibilidade; mas o seu ser, suas potencialidades, seu caráter, seus sentimentos, o objetivo da obra. A pintura “fala” conosco, “dialoga” conosco, traz-nos informações, interage conosco. Aproxima-nos do autor. De maneira análoga, podemos dizer que as obras criadas por Deus nos aproximam dele e nos levam a perceber que um dos traços ou uma das virtudes fundamentais da diaconia, incluindo a nossa própria diaconia ministerial, é revelar a existência de seu Criador, de sua sabedoria incriada, de sua bondade sem limites, de sua perfeição, que supera a nossa capacidade de entendimento.

2. 1. A necessária interação e interdependência das criaturas.

“A interdependência das criaturas é querida por Deus. O sol e a lua, o cedro e a pequena flor, a água e o pardal: as inúmeras diversidades e desigualdades significam que nenhuma criatura se basta a si mesmas, que só existem em dependência

recíproca, para se completarem mutuamente, a serviço uma das outras”.⁵ E São Francisco de Assis o ilustrou no seu Canto as criaturas.

Para a perfeita realização da diaconia de cada ser é necessário que haja profundo respeito à comunhão fraterna entre todos os seres. Fora da verdadeira interação entre todos os seres, a diaconia fica comprometida. A glória de Deus que céus e firmamento, com todos os seres visíveis e invisíveis, são chamados a proclamar, se realiza na riqueza da diversidade de serviços. A interação de todos os seres é uma história de convivência: ela conhece o abalo se a comunhão não existe. A ausência da unidade adocece a diaconia. A própria ação divina parece experimentar a impotência diante do coração fechado: “Eis que estou à porta, e bato: se alguém ouvir a minha voz e me abrir a porta, entrarei em sua casa e cearemos, eu com ele e ele comigo” (Ap 3, 20). O homem, com sua liberdade, no lugar de administrar, conservar e proteger a natureza passa a destruí-la, como tem feito lamentavelmente através da agressão ao meio ambiente, levando a natureza, sua flora e fauna, seus oceanos, mares e rios, a profundas enfermidades, sem considerarmos o espaço sideral que se vem tornando um grande cemitério de artefatos humanos. A harmonia da natureza se encontra comprometida por causa da postura insensata do homem.

2. 2. Lições para a diaconia do homem.

A comunhão e unidade de toda a criação nos revelam alguns traços da identidade do ser diaconal:

- A realização plena da diaconia não acontece fora da interação com a diaconia de todos os seres visíveis e invisíveis. Essa interação provoca-nos o senso da ética. Diaconia e ética devem encontrar-se na dinâmica do serviço.
- A essencialidade da diaconia está voltada para a execução da diversidade de serviços que cabem a todos os seres visíveis e invisíveis, segundo o projeto do Criador, que, em seu ato de criação, fez-se diácono do Amor de seu próprio Espírito. Isto equivale a dizer que o ato diaconal é sempre serviço enraizado no amor e voltado para o amor.
- Firmados na certeza de que tudo foi criado por Cristo, para Cristo e nele subsiste, dizemos convictamente que a diaconia tem em Cristo sua centralidade. É nele que todo o universo tem sua razão de ser. É nele que a diaconia do homem, dentro do conjunto de todos os seres visíveis e invisíveis, encontra seu mais profundo significado. Fora de Cristo, céus e terra, anjos e homens não cumprem sua diaconia.

⁵ CIC, 340.

- A diaconia de todos os seres visíveis e invisíveis é marcada pela gratuidade, porque é sempre serviço enraizado no amor e voltado para o amor. O Amor do qual Deus, em sua liberdade, se fez servo é dom gratuito. Cada criatura sua é manifestação de amor gratuito. Nada foi criado porque Deus necessitasse de alguma coisa. Nada foi criado em virtude de algum mérito existente naquilo que foi criado. A criação é obra da inteira liberdade de Deus, liberdade que imprime em cada criatura a gratuidade do amor.

– Dissemos há pouco que diaconia e ética devem encontrar-se na dinâmica do serviço e que o senso ético surge naturalmente da interação de todos os seres visíveis e invisíveis. Nossas limitações não nos permitem aprofundamento maior a respeito do senso ético de Deus em relação às suas criaturas e de suas criaturas entre si. Senso ético, dentro do significado de respeito às relações de todos os seres entre si e à atuação diaconal de cada um deles, é consequência natural do amor. Quem ama respeita. Quem ama tem ética. Deus ama suas criaturas e, em relação a cada uma delas exerce seu senso ético. O seu comportamento divino é modelo de nosso comportamento ético!

2. 3. A experiência humano divina da desunidade.

Deus e o homem, representado pelo casal, vivem entre si uma experiência dramática. Criado na liberdade de optar ou não pelo projeto de vida pensado por Deus para a humanidade, o homem escolhe critérios diferentes e frustra o plano divino. Inclinado para Deus, de Deus o homem se afasta e cria seu próprio conjunto de valores. É o que nos narra boa parte do capítulo terceiro do livro de Gênesis. A voz da sedução passa para o homem a idéia de que Deus é egoísta e falso ao querer impedir que o ser humano se torne como deuses (Gn 3, 1-5). A aquiescência humana à voz da sedução tira do foco a fonte dos valores: o próprio Deus. Desfocalizada a fonte, obscurece-se no coração do homem o projeto de Deus em relação ao homem e à própria criação de todos os seres visíveis e invisíveis.

No paraíso, grande símbolo do desejo divino de querer a sintonia entre todas as suas criaturas, harmonia universal, começa a pedagogia da reorganização e do reencontro do homem com Deus, do homem com a natureza, do homem com o mundo. Considerando estes aspectos, pode-se afirmar que a diaconia humana é também serviço de restauração ontológica: o homem é um ser que recebe a vida de Deus, é um ser que tende para Deus e o homem é um ser ligado aos outros. O desconhecimento dessa restauração ontológica provoca a inexistência da diaconia humana e não traz de volta ao senso humano o sentido de toda a natureza e de todo o universo. Somente em comunhão com Deus, perceberemos com nitidez a diaconia, por exemplo, das águas dos riachos, dos mares que formam os oceanos, do beija-flor

à nossa janela, da luz do sol e das estrelas, das constelações que nossos olhos não alcançam. Fora da comunhão com Deus, não percebemos a interação e a convivência de todos os seres.

Na verdade, a nossa existência no universo é coexistência; e a diaconia humana precisa voltar-se constantemente para essa realidade, se quiser ser de fato verdadeira. Desde a água desperdiçada na calçada à poluição dos grandes mares, tudo deve interessar-nos. Desde a poluição do ar que respiramos ao espaço transformado em cemitério de artefatos humanos, tudo deve interessar-nos. Não podemos dar ouvidos à voz sedutora que insinua que essas situações nada têm a ver com a nossa diaconia. Deixando-as de lado, podemos ter certeza de que Deus não é fonte de nossos valores; pois é ele mesmo quem coloca o homem diante de suas obras para administrá-las, reconhecendo em cada uma delas o seu serviço a favor da humanidade (Gn 1, 28 ss).

No drama ocorrido no paraíso, o homem, desfigurando em si a imagem e semelhança de seu Criador, afasta-se de Deus, provoca ruptura, obscurece a sua diaconia em relação ao Ser Absoluto, em relação à humanidade e em relação a todos os seres. Confunde a interação entre todos os seres. Perde de vista o senso da coexistência universal, amorosa e fraterna. No interior do mesmo paraíso, Deus, sempre diácono do Amor, dirigindo-se ao símbolo do Mistério do Mal, mostra à humanidade o projeto de salvação, dentro do qual se acha a restauração do homem: “Porei ódio entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela. Esta te ferirá a cabeça, e tu ferirás o calcanhar” (Gn 3, 15). Nas palavras bíblicas, o gérmen da promessa messiânica, a boa notícia da reorientação humana, da religação do homem com Deus. Começa o processo da reestruturação da diaconia de cada homem e de todos os homens, da diaconia de todos os seres visíveis e invisíveis. Companheiro do homem no paraíso, Deus não o abandona fora dele. Incute no coração do homem a esperança de ver o proto-evangelho realizado, conduz o homem com seu Espírito na peregrinação rumo ao cumprimento do plano divino, desperta gradativa e pedagogicamente no homem a consciência que todos os seres devem formar entre si, inclusive os próprios homens, um corpo diaconal a serviço da celebração da glória de Deus (Ef 1, 11-12).

É o homem que, com sua recusa à vida trinitária, abandona a Deus; mas Deus não abandona a sua criatura. A Santíssima Trindade concebe um plano de salvação. Comunicando ao homem as conseqüências naturais da recusa (Gn 3, 16-19), “voltam a confirmar-lhe a vocação sobrenatural: recuperará a vida divina e a intimidade dos Três, e entrará novamente em comunhão”.⁶ Escolhido em Cristo antes da criação do mundo e nele predestinado para ser filho de Deus (Ef 3, 4-5), a recusa do homem significa que o ele não soube permanecer no Filho. “Já que os homens não souberam permanecer no Filho, a quem não viam de forma visível, o Pai chama o Filho e o “envia para a terra”, cá entre eles, a fim de que se torne “visível” como qualquer um

⁶ MEO, Elias, op.cit. p.

deles. Eis o motivo da Encarnação. “E o Verbo se fez carne” (Jo 1, 14). O Filho se fez homem para “trazer-nos cá embaixo” a vida trinitária, para socorrer os homens que, inconscientes, não queriam saber dele e para convidá-los com insistência à comunhão com os Três na família, no seu reino”.⁷

Em sua primeira carta, João nos diz: “Quem possui o Filho possui a vida; quem não tem o Filho de Deus não tem a vida” (1Jo 5, 12). São Paulo prega: “Assim como em Adão todos morrem, assim no Cristo todos viverão” (1Cor 15, 22). Em Cristo, é retomada a diaconia humana e o homem reencontra o sentido do próprio serviço diaconal. O homem volta a corresponder ao pensamento que Deus tivera ao criá-lo.

Em Cristo, a criação volta à normalidade, vivendo a sua diaconia. Na plenitude dos tempos, executando a promessa messiânica anunciada no paraíso, o projeto de salvação da Santíssima Trindade, o Filho se torna visível, assume a natureza humana, dignificando-a, para que o homem jamais o perca de vista e que todos os seres criados por Deus realizem novamente sua estupenda vocação. Em Cristo, realiza o misterioso desígnio da vontade de Deus, “que em sua benevolência formara desde sempre para realizá-la na plenitude dos tempos – desígnio de reunir em Cristo todas as coisas, as que estão nos céus e as que estão na terra” (Ef 1, 9-10). Cristo, a Palavra viva de Deus, com seu Mistério Pascal, gera a comunhão entre todos os seres. Incita-nos à fé. É motivo de nossa esperança de alcançarmos novos céus e nova terra. É a partir de Cristo que, agora, se deve refletir sobre a diaconia de Deus, dos homens e todos os seres visíveis e invisíveis. Ele é o Caminho da clareza diaconal, é a Verdade do serviço diaconal de comunhão e unidade, é nele que encontramos a Vida, a essência da própria diaconia.

2. 4. Cristo: modelo de diaconia humana.

Em virtude de sua missão, cumprida em obediência ao Pai, na força do Espírito Santo, o Filho é o único modelo da diaconia humana, diante de Deus, do mundo, de todos os seres visíveis e invisíveis e da própria humanidade. Somente Ele, correspondendo ao amor de Deus, soube dar a resposta agradável ao coração de Deus, através do serviço diaconal. A Segunda Pessoa da Santíssima Trindade assume a natureza humana para ensinar ao homem o caminho da amorosa obediência ao Pai, do serviço ao mundo criado por Deus. Em Cristo, encontra-se a verdadeira diaconia, que exige o despojamento de si mesmo: “Em verdade, em verdade vos digo, o Filho de si mesmo não pode fazer coisa alguma; ele só faz o que vê fazer o Pai; e tudo o que o Pai faz, fá-lo também semelhantemente o Filho.” (Jo 5, 19) – “De mim mesmo não posso fazer coisa alguma. Julgo como ouço: e o meu julgamento é justo, porque não busco a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou” (Jo 5, 7).

⁷ Idem, p.

Cristo é a visibilidade de Deus. É o seu rosto humano. É a partir de Cristo, assumindo-o, que a diaconia do homem retoma o seu mais profundo sentido, reingressa naquele significado que corresponde ao pensamento do Criador. Nogueira assim nos fala a respeito desse assumir o Cristo: “Somos filhos no Filho único. Por força do mesmo Espírito que agiu em Jesus (cf. Rm 8, 9-11), estamos, pelo batismo, misticamente unidos e identificados com Cristo, formando o seu Corpo eclesial. Comungamos com Cristo, (...), vivendo fraternalmente a vocação filial. Sem fusão nem confusão, o Espírito agrega-nos a Cristo e à multiplicidade de seus membros (cf. 1Cor 12, 13). Alicerçando em cada fiel a sua habitação viva, Aquele constrói, simultaneamente, um Templo Espiritual único, constitutivo da unidade do Corpo de Cristo. Neste Templo, os cristãos vivenciam juntos a consagração de sua vida mediante o dom da fé e oferecem a Deus, segundo o Espírito, o verdadeiro culto (cf. Fl 3, 3; Rm 15, 16).”⁸

O batismo não assinala apenas nascimento espiritual para reconstruirmos em nós a imagem e semelhança de Deus mas também, além de nossa adesão a Cristo, a retomada da diaconia humana, que, em razão de nossa cristificação, torna-se liturgia, torna-se um culto em forma de serviço, um sinal sagrado, um sacramento. A cristificação é necessária, para que, além de nos tornarmos templos do Deus uno e trino, nos tornemos dele, em nossa diaconia, seus olhos, seus ouvidos, sua boca e seus gestos e ação. Através do Batismo, perde-se o aspecto individual da diaconia humana; adquire-se a dimensão comunitária. O Batismo tem a força de reunir, congregar homens e mulheres na família de Deus, que, na visão da fé, forma o corpo eclesial, a Igreja.

3. O DIÁCONO MINISTRO DA UNIDADE

Existe no homem a capacidade de buscar a Deus e esta capacidade é a própria voz de Deus que o chama para viver com ele a mais profunda comunhão. Viver em unidade com Deus é viver em sintonia com a Santíssima Trindade. Não há no homem autêntica diaconia sem essa consciência, sem essa “união íntima e vital com Deus”, (cf. GS 19). A diaconia do homem, o seu serviço em relação ao próprio Deus, em relação a todos os seres criados pela Palavra Divina, especialmente a natureza e o cosmos, começa inevitavelmente pela consciência de que Deus existe e para ele o homem tende.

O fim, o objetivo final, da diaconia humana é a glorificação do nome de Deus. Isto significa estar em profunda sintonia com o plano de Deus, segundo o qual cada ser criado por ele deve corresponder à realidade para a qual foi chamado à existência. Significa também reconhecer Deus como a fonte de todas as coisas visíveis e

⁸ NOGUEIRA, Luiz Eustáquio. *O Espírito e o Verbo as duas mãos do Pai*.

invisíveis. Significa igualmente que, em Deus, todos os seres encontram sua identidade e o específico de sua diaconia, desdobrada e, muitas vezes, visualizada na diversidade de serviços. Qual é a especificidade da diaconia humana na natureza e através de que serviços ela se concretiza? Administrá-la é entrar numa harmoniosa interação com ela e cooperar com ela em sua diaconia a favor da humanidade. A terra está enferma em virtude da ação imprudente do homem, que não deixou ainda a Salvação de Cristo acontecer em sua vida. O espaço, onde artefatos humanos chegam a distâncias, antes, inimagináveis, não pode tornar-se cemitério desses mesmos artefatos, nem tornar-se cenário de conquistas desenfreadas e sem ética da própria inteligência equivocada do homem. Enfim, o homem, em sua diaconia em meio a diaconia de todos os seres, é chamado a responsabilizar-se pela vida do planeta que lhe serve de morada e pela vida de todo o universo.

A diaconia do homem, em sua essencialidade, é ser a visibilidade de Deus, visibilidade que precisa ser expressa através de atos de amor, de solidariedade, de justiça, de fraternidade com todos os seres, visibilidade que já precisa ser percebida em seus sentimentos e pensamentos. A diaconia humana é o “sim” do homem à vontade expressa de Deus no ato divino da criação. A diaconia humana deverá ser expressa no contexto da diversidade de serviços. Que serviço o homem é chamado a prestar a Deus, a todos os seres visíveis e invisíveis, e, particularmente, à própria natureza presente diante de seus olhos?

A diaconia do homem não existe fora do tecido social, fora das realidades terrenas, fora das experiências humanas, religiosas e culturais, fora do senso ético que deve fundamentar o interrelacionamento entre os diversos grupos humanos, patrimônios da humanidade. A diaconia do homem não pode ter medo da ciência e da técnica, não deve ter medo do mundo político, não deve ter medo dos desafios à própria atividade diaconal. Em todas as realidades terrenas e em todas as experiências humanas, o homem, no exercício de sua diaconia, deve mostrar a sua imagem e semelhança com Deus. Ele é “*imago Dei*”. “Através do trabalho, da produção, das descobertas técnicas, da expressão artística e da cultura, o homem participa na obra criadora de Deus. É uma vocação inscrita no ser de todo homem e constitui o fundamento da missão do cristão nas relações com as realidades terrenas.”⁹

3.1. Diácono: presença sacramental.

É na cristificação de sua vida, envolvendo toda a natureza criada por Deus no Mistério Pascal de Cristo, que o homem retoma a autenticidade de sua diaconia diante de Deus, diante de si mesmo e diante dos outros seres visíveis e invisíveis. É a partir da cristificação de nossa vida que “todas as coisas, as que estão nos céus e as

⁹ MEO, Elias. *Homens novos para a novidade cristã*. São Paulo, Paulinas, 1968.

que estão na terra” (Ef 1, 10) deixam transparecer o sentido da própria criação e a comunhão ontológica de todos os seres.

Em seu Mistério Pascal, fazendo-se diácono do Pai, obedecendo seus desígnios, Cristo nos trouxe o “sopro de vida”, e o código de leitura que havíamos perdido. Com nossa vida na vida de Cristo, o “sopro de vida”, e de posse do código de leitura, conforme o projeto de Deus e com a ajuda de seu Espírito, voltamos a perceber a sacralidade do mundo, de todas as coisas criadas pela onipotência eternamente amorosa de Deus. Com nova visão – visão cristológica -, o homem, agora redimido, é chamado a retomar a sua diaconia e é chamado a ver em seu serviço um sinal da própria presença de Deus, um sinal sacramental.

No contexto da Igreja Católica, destacam-se aqueles que são marcados para representarem, com seu serviço, a diaconia do homem. Tratam-se dos que nós chamamos de diáconos, dentro da distribuição dos ministérios no Sacramento da Ordem. “Os diáconos participam de modo especial na missão e na graça de Cristo. São marcados pelo sacramento da Ordem com um sinal (“caráter”) que ninguém poderá apagar e que os configura a Cristo que se fez “diácono”, isto é, servidor de todos.”¹⁰

O diácono é o homem redimido que, tendo a imagem de Deus, refeita em sua vida, nos ajuda a fazer a leitura competente das realidades humanas. É sinal de que a religiosidade natural do ser humano encontra em Deus sua plena realização. Indica-nos Jesus Cristo, a quem ele segue na qualidade de discípulo e missionário, como caminho de retorno ao projeto original de Deus, mostrado no paraíso. Deve ser a visibilidade permanente de que todas as coisas criadas por Deus são chamadas a viver numa confraternização universal, procurando ele mesmo viver em harmonia com a natureza e ser promotor da confraternização.

É colaborador da diaconia de cada homem e de cada mulher. É palavra denunciadora dos pecados contra a terra e todo o universo. É palavra animadora junto aos pobres e marginalizados. É palavra questionadora diante de estruturas sociais opressoras e situações de violência contra a dignidade da pessoa humana e contra a correta utilização da biodiversidade. Ele é a caridade em ação junto aos famintos, moradores de rua, aos que não têm teto, que não têm um pedaço de terra por causa das especulações imobiliárias e a ganância de latifundiários. É a voz da caridade na correção fraterna. É o coração da caridade no encontro com aqueles que precisam do apoio moral, espiritual e de outros níveis de necessidades. É a mão da caridade que se estende àqueles que, como ele, buscam implantar na cidade dos homens os valores de Deus. É o homem da liturgia eclesial que não se esquece de que em todas as obras de Deus, visíveis e invisíveis, existe uma liturgia de louvores ao Criador. É o homem da liturgia que, junto ao altar, não se esquece de trazer em seu coração toda a humanidade. É o homem da liturgia que, dentro da fornalha da incompreensão e de

¹⁰ CIC 1570.

abafamento de seus talentos, não se esquece de unir sua voz à voz daqueles três jovens que, dentro da fornalha construída pelo poder equivocado, se unem a toda a natureza num hino de louvor a Deus (Cf. Dn 3, 52-90).

Para refletir em grupos

1. De onde procede a exigência de vivermos relacionamentos trinitários?
2. Como experimentamos na nossa vida a interação e interdependência das criaturas?
3. O nosso ministério diaconal está sendo vivenciado seguindo o modelo da diaconia de Cristo?

TERCEIRA PARTE

CONSTRUIR A COMUNHÃO A PARTIR DO SERVIÇO AOS POBRES

Após constatar as nossas dificuldades, limitações e deficiências na vivência da unidade, e depois de contemplar à luz da Palavra de Deus o seu projeto, procuramos agora os caminhos para adequar o nosso agir. Vamos ver como o nosso ministério diaconal pode ser ministério de unidade.

O nosso ministério não é o da presidência da comunidade como é o do bispo e do presbítero. Mas o nosso ministério é da unidade enquanto somos colaboradores do ministério do bispo.

“O eixo, o ponto forte do diaconado, deveria ser, pois, o serviço da solidariedade com o pobre, o sem - direito, o marginalizado. Mesmo que isso seja dever de todo cristão - e não característica exclusiva de um ministro – a dimensão de serviço ao último deveria ter no diaconado sua expressão ministerial, como reflexo de que, segundo o projeto de Cristo, aqui está o decisivo da Igreja. O diácono tem, assim, sua forma própria de ser ministro da unidade, uma forma não presidencial e, por tanto, diferente da do bispo e do presbítero. Ele constrói de outro modo a unidade da Igreja, a partir dos menos favorecidos, dos pobres, dos oprimidos. [...] Indicando que a unidade da Igreja não se constrói a partir dos poderosos, dos que estão bem, dos dominadores, a função dos diáconos é importantíssima para a unidade da Igreja. O diácono serve à unidade, procurando imprimir-lhe a marca evangélica de uma unidade desde os pobres. Por isso mesmo, vale na Igreja antiga como a mão direita do bispo”.¹¹

São muitas as frentes do ministério do diácono como construtor de comunhão. Vamos destacar três que nos parecem essenciais na conjuntura social e eclesial em que vivemos.

1. Colaborar na recuperação da relação do homem com a natureza.

É necessário que o homem busque a verdadeira interação entre ele e a natureza; e a busca sincera haverá de levá-lo a retomar os critérios de Deus, criando uma visão ecoteológica. Distinto dela, mas presente nela com sua força criadora, Deus precisa ser redescoberto na natureza. Precisamos voltar a olhá-la com profunda admiração e respeito, percebendo que a terra, a rocha, a água, o céu e cada um de seus elementos, alcançáveis ou não pela nossa visão, são manifestações do amor de Deus.

Contemplando a natureza, o homem absorve melhor sua própria diaconia. Há uma interdependência. Em seus dizeres, acentua o filósofo Régis de Morais: “O ser

¹¹ TABORDA, Francisco. *O ministério ordenado na Igreja: uma perspectiva católica*. In: REB – 62. Fasc. 247, julho 2002, p. 571.

humano depende da natureza, precisa dela e a ela recorre incessantemente; ele é natureza e faz parte dela”. É pensamento citado por Musetti, que também nos diz: “A consciência cristã sobre a ecologia não pode e nem deve se entregar ao racionalismo moderno, etnocêntrico e antropocêntrico, pois este está muito longe de alcançar o contexto teológico que deve propiciar reflexão e ação a respeito do paradigma de desenvolvimento que domina nossa sociedade.

O aquecimento global, a destruição dos grandes biomas, a desertificação, a escassez e poluição da água, as enchentes e inundações, a extinção de inúmeras espécies de vegetais e animais, a desagregação da qualidade do ar e inúmeros outros problemas vivenciados em várias partes do mundo têm atingido cada um de nós, demonstrando, claramente, que o modelo econômico-desenvolvimentista predominante em nossa história chegou ao seu limite/falência. A falácia desse projeto desenvolvimentista, instrumento da Sociologia do Desenvolvimento (criado no Massachusetts Institute of Technology – MIT dos EUA), precisa ser urgentemente percebida e denunciada pelos cristãos do mundo, à luz da Revelação de Deus. Foi esse o tipo de desenvolvimento que Deus desejou para o ser humano?”¹²

O Papa Bento XVI nos fala que devemos entender o desenvolvimento de uma forma integral. “O livro da natureza é uno e indivisível, tanto sobre a vertente do ambiente, como sobre a vertente da vida, da sexualidade, do matrimônio, da família, das relações sociais, numa palavra do desenvolvimento humano integral. Os deveres que temos para com o ambiente estão ligados com os deveres que temos para com a pessoa considerada em si mesma e em relação com os outros. Esta é uma grave antinomia da mentalidade e do costume atual, que avilta a pessoa, transtorna o ambiente e prejudica a sociedade”.¹³

Já em 2007 os diáconos refletíamos: “A consciência de que devemos cuidar do planeta vai crescendo na humanidade. O espírito solidário entre todos os povos unidos para a defesa do planeta tem de ser cada vez mais vivenciado. Os grupos que se preocupam com o reflorestamento, com a defesa das espécies animais em extinção, com a limpeza dos rios e mares, com a poluição do ar, etc., multiplicam-se. Neles está presente um grande espírito de serviço. Criar diaconias-comunidades-ecológicas pode ser uma forma de sinalizar que somos parte da nova criação.”¹⁴

2. Trabalhar pela família humana, construindo a solidariedade entre todos os povos.

¹² MUSETTI, Rodrigo Andreotti. *A ecologia revelada*.

¹³ BENTO XVI, *Carta Encíclica Caritas in Veritate*, n. 51. São Paulo, Paulinas, 2009.

¹⁴ COMISSÃO NACIONAL DOS DIÁCONOS. *Diaconias: uma resposta aos novos desafios da missão da Igreja*, 2007, p. 54-55.

Hoje vivemos num mundo globalizado, dominado pelo capitalismo neo-liberal que produz milhões de vítimas da fome. Vivemos ameaçados pelo terrorismo internacional. A realidade social desumana que vive a humanidade requer respostas urgentes de solidariedade. É urgente trabalhar pela paz e concórdia entre os povos. Trabalhar unindo todos os povos do mundo sem distinções de etnia, religião ou cultura, para superar o estado de degradação social da maioria do planeta é vital para a sobrevivência do próprio planeta como da humanidade.

“A sociedade cada vez mais globalizada torna-nos vizinhos, mas não nos faz irmãos”.¹⁵ Paulo VI colocava no vértice do desenvolvimento a unidade na caridade. Estamos em um período da Igreja em que se tornou urgente a renovação do ministério da caridade. A “agenda eclesial da caridade” deve ser cada vez mais incrementada com compromissos em prol da solidariedade e da paz no mundo. As agendas eclesiais que só contemplam compromissos de culto devem ser profundamente revisadas.

É preciso reforçar tudo aquilo que caracteriza o serviço dos diáconos. O ministério do diácono é o de ajudar a abrir os olhos da comunidade para enxergar a realidade dos pobres, excluídos, marginalizados, desamparados. Ao mesmo tempo suscitar ações, não apenas momentâneas e circunstanciais, mas permanentes, que conduzam à recuperação completa do bem estar e cidadania dos assaltados pelo capitalismo desumano.

No contexto social e eclesial em que vivemos, trabalhar pela solidariedade e a paz tornam-se prioridades máximas. Acentuar a vivência da caridade é urgente. Os apelos nos chegam de todo lado. Só pela caridade poderemos construir a fraternidade universal.

A seguir colocamos a título de exemplo algumas ações que podem ajudar na construção da unidade e fraternidade universal.

- Reconhecer e respeitar, acolhendo e valorizando, em cada homem e em cada mulher a dimensão religiosa.

- Abrir-nos ao diálogo com aqueles que vivem em contextos culturais e religiosos diferentes dos nossos

- Acolher com afetividade todos os seres criados por Deus e, com eles, estabelecer comunhão.

- Colocar como base dos relacionamentos o “princípio misericórdia”. Para estar sempre dispostos a perdoar.

¹⁵ BENTO XVI. *Caritas in Veritate*, n. 18.

- Fazer sempre as opções que fez Jesus: opção pelos pobres; pelo serviço e contra o poder; pela misericórdia e contra o legalismo; pela justiça; pela vida integral da pessoa humana.

- Viver a unidade com seus irmãos diáconos, formando um corpo diaconal, onde sua identidade como diácono seja mais facilmente visualizada.

- Cuidar da criação de diaconias, aceitando-as como uma resposta aos novos desafios da missão da Igreja.

- Suscitar e formar ministros que trabalhem na dimensão da caridade.

- Animar as Pastorais Sociais, de forma que possam recuperar o rosto samaritano da nossa Igreja.

3. Ser construtores de unidade na comunidade eclesial.

3.1. Ser discípulos em comunhão

“A Igreja necessita [que todos os seus membros] nunca percam a consciência de serem discípulos em comunhão” (Cf. DA 324). “Não há discipulado sem comunhão” (Cf. DA 156).

Com estas afirmações o DA coloca como exigência de todos os discípulos a vivência da comunhão. Ao mesmo tempo a comunhão é condição para o discipulado. O cristianismo é essencialmente comunitário. É vital para a Igreja que seus membros vivam a comunhão. Neste ponto também o cristianismo vai à contramão do modelo de sociedade que se vive hoje onde se incentiva o individualismo exacerbado. Não é fácil andar na contramão. Não é fácil para os cristãos viver de tal forma a união, a solidariedade e a comunhão que sejamos um sinal da presença do Deus comunhão trinitária no mundo. Um sinal de que o caminho da realização do homem é o caminho do encontro com o irmão.

Ser conscientes de que somos discípulos em comunhão significa ser conscientes de que somos um corpo e que tudo quanto pensamos e fazemos afeta ao corpo todo. Significa cultivar sempre aquilo que nos une. Significa participar ativamente não só das celebrações comunitárias, especialmente a Eucaristia, mas de tantos outros momentos que servem para construir e fortalecer a comunhão. Significa nunca fechar-se, nunca isolar-se, nunca agir sozinhos.

Se a Igreja necessita que todos tenham consciência de serem discípulos missionários, esta necessidade é muito mais premente quando se trata dos ministros

ordenados. Eles têm como função própria e específica serem construtores da comunhão e unidade da comunidade.

Falando dos bispos, discípulos missionários de Jesus Sumo Sacerdote, o DA no n. 187 diz: “Em virtude da íntima fraternidade que provêm do sacramento da Ordem, temos o dever de cultivar de maneira especial os vínculos que nos unem a nossos presbíteros e diáconos”.

Ao falar dos presbíteros, discípulos missionários de Jesus Bom Pastor, cf. n. 199, dirá que o Povo de Deus necessita de presbíteros “sempre em profunda comunhão com seu Bispo, com os presbíteros, diáconos, religiosos, religiosas e leigos”.

Completando as recomendações para o ministério ordenado, no n. 205, ao falar dos diáconos permanentes, discípulos missionários de Jesus Servidor dirão que presbíteros e diáconos procurem trabalhar em comunhão.

Em Aparecida dando continuidade a “eclesiologia de comunhão” iniciada com o Vaticano II e desenvolvida em Puebla e nos documentos do Magistério posterior, a comunhão é colocada como a condição primeira do ser Igreja e de sua missão. A comunhão de todos os membros do Povo de Deus vem em primeiro lugar. Depois a comunhão do ministério ordenado ao serviço da unidade e comunhão do Povo de Deus.

Como poderiam reger a unidade de todos se entre os regentes da unidade (ministros ordenados) não houver unidade e harmonia?

3.2. Viver relações trinitárias entre os ministros ordenados.

Durante séculos o ministério ordenado viveu uma vida a dois: bispo e presbítero. Agora devemos nos acostumar a viver mais trinitariamente. Entra uma terceira pessoa o diácono. Isto implica em um amor mais perfeito.

Os ministros ordenados devem se conhecer e conhecer as funções de cada um para agir em comunhão e alcançar as finalidades do seu próprio ministério.

Para bispos, presbíteros e diáconos é de essencial necessidade conhecer o comum do ministério ordenado e o próprio e específico de cada um na missão. É um grupo que precisa trabalhar unido e coordenadamente. Não se entende um bispo que atue sem os seus primeiros colaboradores os presbíteros e os diáconos, assim como não se entende um presbítero que queira agir desligado do bispo e sem querer saber de diáconos. O mesmo se diga do diácono, que encontra sentido na sua missão se for unido ao bispo e ao presbítero.

O ministério ordenado não é para ser exercido de forma individual, mas em unidade e em colaboração, complementação e comunhão. A Igreja local, da qual fazem parte os ministros ordenados, precisa do testemunho do trabalho em equipe dos

seus ministros, como condição para que todos os fiéis realizem a missão em unidade e comunhão.

Nos últimos tempos o Magistério da Igreja tem elaborado importantes documentos e orientações sobre o ministério do Bispo, do presbítero e do diácono. Todos estes documentos, e outros, devem ser lidos e estudados com todo empenho por todos os ministros ordenados.

O que se diz de um afeta ao outro. Daí que os três devam ficar atentos um aos outros. Isto terá reflexo surpreendente na comunidade.

3.3. Trabalhar em diálogo e comunhão com os presbíteros.

Na segunda parte do n. 206 do Documento de Aparecida encontramos esta recomendação: “Quando estão a serviço de uma paróquia, é necessário que os diáconos e presbíteros procurem o diálogo e trabalhem em comunhão”.

A maioria dos diáconos trabalha com os presbíteros nas paróquias. Os que trabalham em diaconias ou em tarefas pastorais de nível diocesano ou setorial, diretamente ligados ao bispo, ainda são poucos.

Infelizmente ainda constatamos que nem sempre presbíteros e diáconos conseguem trabalhar em comunhão. Os presbíteros normalmente não trabalham juntos com outros presbíteros. A mentalidade é que na paróquia todos os outros ministros estão a serviço do padre. O padre é quem manda quem organiza e quem decide. Os diáconos, em geral, por sua condição de casados e profissionais, podem ter uma maior experiência de diálogo e de trabalhar em comunhão, mas muitas vezes tem mentalidade de competição e de auto afirmação, dificultando grandemente o trabalho em comunhão. Por isso esta recomendação dos bispos exige de ambos uma profunda revisão de vida e conversão.

A paróquia deve ser um lugar de comunhão. Para isto se requer a renovação das paróquias, também nas suas estruturas. A renovação da paróquia exige atitudes novas dos que estão a serviço dela (cf. n. 201). Diáconos e presbíteros devem estar dispostos a trabalhar neste sentido.

O capítulo V inicia lembrando que todos os batizados somos chamados a viver a comunhão trinitária. A Igreja evangeliza e “atrai” quando vive em comunhão (cf. n. 159). O diálogo é requisito para a comunhão. A comunhão é sempre fruto de uma profunda comunicação. Aquela comunicação que vai além do simples programar e distribuir as tarefas. Diálogo e comunhão não significam ficar esperando um pelo outro. Pelo contrário significa ir ao encontro, falar aberta e caridosamente quanto sentimos, pensamos, e esperamos do outro. O diálogo é um caminho de mão dupla. Nem o padre pode ficar esperando pelo diácono, nem o diácono ficar esperando pelo padre. A comunhão exige uma comunicação onde se sintonizam os corações. A comunhão verdadeira é fruto do amor profundo. Esta comunhão só é possível quando

presbítero e diácono estão imbuídos de uma mentalidade de ministros como servidores. Quando os dois estão dispostos a dar a vida um pelo outro, e por todos. Quando cultivam relações fraternas com todos (cf. n.195). Na medida em que ambos encarem o seu ministério como ministério de descentralização. Como ministério que promove o protagonismo dos leigos e leigas nas dimensões da liturgia, da Palavra e da caridade. Na medida em que tanto um como o outro vivem o ministério na unidade respeitando a diversidade e entendendo-o como complementariedade.

O diácono e o presbítero poderão ter diversos pontos de vista teológicos, pastorais e sociais; certamente tem conhecimentos diferentes, experiências de vida diferentes, dons diferentes, vocações específicas; mas saberão pelo diálogo harmonizar seus pontos de vista, seus conhecimentos, suas experiências de vida, na construção da unidade da comunidade. O testemunho da unidade da comunidade dependerá em grande parte do testemunho de unidade e comunhão dos seus ministros ordenados.

3.4. Cultivar a inserção no corpo diaconal.

Que recomendação maravilhosa! Os bispos nos recomendam em Aparecida (cf. n. 206) que cada diácono cultive esmeradamente sua inserção no corpo diaconal. Não dá para entender um diácono que não vive a comunhão com os diáconos da sua diocese, do Regional ou do nacional. E a recomendação é para cultivar. Cultivar significa ir atrás, trabalhar, dar os passos necessários para que essa unidade com o corpo seja efetiva e afetiva, seja frutuosa. Cultivar significa cuidar e cuidar significa telefonar, escrever, participar das reuniões e encontros, partilhar os momentos bons e ruins, dar notícias e estar em dias com as notícias.

Mas os bispos nos recomendam cultivar esmeradamente. Isto é, com todo cuidado, com toda atenção, com toda intensidade. Não se trata de participar das reuniões ou encontros uma vez na vida, mas de estar sempre engajados. Significa viver para que este corpo cresça, se fortifique, cumpra cada vez melhor o seu ministério.

Não se trata de criar um corporativismo, o que não deve acontecer em nenhuma esfera do corpo eclesial, que é o corpo de Cristo. Corporativismo significa privilegiar atendimento, valorização, vantagens para um grupo em detrimento dos outros. Aqui se trata de cuidar do corpo diaconal para que este corpo cumpra bem sua função em benefício do corpo como um todo, de toda a Igreja e de todos os seus membros.

Quando o cultivo é correto este corpo realiza seus relacionamentos com os bispos, presbíteros e demais membros do povo de Deus de forma correta em todo e qualquer trabalho pastoral e missionário.

O diácono não pode ficar isolado nem ser deixado isolado. O diaconado é junto com o presbiterado e o episcopado um ministério de comunhão. Um diácono isolado

perde totalmente o sentido da sua vida como diácono. Temos sempre que esforçarmos para estar com os relacionamentos em dias. Superando possíveis mágoas, desentendimentos, tropeços no relacionamento com presbíteros, com os bispos e com os irmãos diáconos. Por outro lado temos que estar atentos para não deixar um diácono de fora do corpo diaconal. Por isso o coordenador ou presidente da Comissão Diocesana de Diáconos deve ser solícito para estar em contínua comunicação com todos os diáconos da Diocese. Fazendo de elo entre todos para que todos estejam sempre informados e que todos se interessem uns pelos outros.

Os presidentes das Comissões Regionais de Diáconos com os seus outros membros da comissão cuidarão e cultivarão com especial atenção a inserção de cada presidente de comissão diocesana no andamento dos assuntos, metas e atividades do Regional. Estarão especialmente atentos para informar e contatar aqueles que não participaram das reuniões, sabendo que sem a colaboração do coordenador diocesano dificilmente chegarão as notícias aos outros diáconos da Diocese.

Finalmente a Comissão Nacional de Diáconos tem que cuidar especialmente dos relacionamentos e inserção dos presidentes das Comissões regionais na condução dos assuntos da vida e ministério dos diáconos do Brasil. Estar atentos para que nenhum presidente de regional fique por fora do que vai sendo decidido e vivenciado. Porém esta cabeça do corpo tem que estar atenta a todos os membros do corpo e cuidar para que o corpo se mantenha unido e caminhe na direção do que o Espírito Santo vai indicando.

A articulação do corpo diaconal tem como finalidade principal que a vida diaconal circule entre todos os membros. E a vida é feita de dores e alegrias, de angústias e esperanças, de vitórias e fracassos, de oração, de espiritualidade, de partilha, de encontros e reuniões, de amor e entrega pelos irmãos sem medir esforços.

A vivência e testemunho de um diaconado bem articulado e unido servirá de exemplo, modelo e estímulo para outros membros da Igreja e será a garantia de que o ministério diaconal atua como verdadeiro ministério de comunhão na Igreja.

3.5. Formar na escola de comunhão.

O assunto central do IX Encontro Nacional de Diretores e Formadores de Escolas Diaconais, realizado em 2006 em Brasília, foi sobre a formação eclesial-comunitária. Duas questões principais ocuparam a atenção dos participantes. Como aperfeiçoar os conteúdos eclesiológicos de forma que ajudem os candidatos a assimilar uma visão de Igreja comunhão e participação? O que fazer para propiciar experiências que permitam a vivência e crescimento da comunhão entre os candidatos, e destes, com todos os outros membros da Igreja?

Os participantes responderam a estas questões elaborando algumas sugestões que estão à disposição de todos no site da CND.

A Igreja é nossa grande escola de comunhão. Somos chamados a fazer a experiência de comunhão trinitária. A Trindade é a fonte e o modelo de toda comunidade. A Escola Diaconal é um período de especial cultivo da comunhão. O grande desafio que se apresenta é como garantir que cada Escola ofereça uma visão de Igreja que supere a divisão entre classes dentro da Igreja. Uma visão de Igreja servidora. Uma Igreja de irmãos co-responsáveis na missão. Uma Igreja toda ministerial onde são respeitados os diferentes dons e carismas.

Após os estudos de eclesiologia, cada diácono deveria ser um apaixonado pela Igreja comunhão. Um verdadeiro construtor da comunhão. O homem da comunidade, na comunidade e para a comunidade. Aquele que ajuda o nascimento de novas comunidades, e o crescimento da comum-idade. Isto não é possível sem antes ter experimentado a comunhão na família, a comunhão com o bispo e o presbitério, sem ter feito alguma experiência de vida comunitária, com algum grupo ou movimento.

Experiências de profunda comunhão não são fáceis de serem feitas. O homem de hoje sente muito forte a necessidade de preservar a sua individualidade. Para viver a comunhão sabemos que temos que deixar algo de nós mesmos.

As nossas escolas diaconais têm pela frente o desafio de formar uma verdadeira comunidade entre os candidatos que participam da escola. De fortalecer a união de cada casal. De criar relacionamentos dos candidatos com os seminaristas. De fazer que cada candidato tenha no seu coração toda a Diocese. Fazer crescer a unidade com o presbitério. E que cada candidato tenha seu coração aberto para acolher e amar especialmente aos mais necessitados.

Não há cristianismo sem comunidade. Não há comunidade sem comunhão. Poderíamos dizer que não há verdadeira escola diaconal sem uma boa e consistente formação eclesial-comunitária.

Acreditamos que na conjuntura eclesial e social em que vivemos o aperfeiçoamento da dimensão eclesial-comunitária na formação dos diáconos, e de todos os membros do Povo de Deus, seja de capital importância para sermos, hoje, sinal autêntico do Reino.

Para refletir em grupos.

1. O que devemos fazer os diáconos para exercer o nosso ministério da unidade?
2. Que pistas indicaríamos para melhorar a vivência de uma autêntica comunhão entre bispos, presbíteros e diáconos?
3. O que podemos fazer para fortalecer os laços entre os diáconos da nossa Diocese, do Regional e Nacional?

CONCLUSÃO

A identidade do diácono é ser sinal sacramental de Cristo servo. É a partir de um ministério de serviço aos pobres que ele consegue viver o seu ministério da unidade. Não há unidade quando há excluídos. Não há unidade sem comunhão com a natureza. Não há unidade sem comunhão com os ministros ordenados. Não há unidade fora da Trindade. Os relacionamentos trinitários de amor são o modelo único para realizar a fraternidade universal e a unidade de todos os seres.

O diácono, com seu serviço, é visibilidade da diaconia humana e da diaconia de Jesus. A Igreja o investe na configuração de Cristo-Servo, atribuindo-lhe um ministério especial, que busca no altar a sua energia que deve ser expandida por todo o mundo, levando-o a realizar o que Cristo realiza a favor da natureza, do mundo e todos os homens e mulheres. A identidade do diácono é ser discípulo missionário de Jesus Cristo-Servo, consagrado para servir à unidade do Povo de Deus, para fazer acontecer a Boa Nova do Evangelho entre todas as criaturas.

ORAÇÃO
DA IX ASSEMBLÉIA GERAL DA COMISSÃO NACIONAL DOS DIÁCONOS

Ó Deus,
na busca da reafirmação de nossa identidade de ser diaconal,
colocamo-nos diante de vossa Palavra
e, através dela,
vós nos conduzis ao ato da criação de todas as coisas visíveis e invisíveis,
para percebermos o mistério da diaconia.

Tudo que vós criastes nos revela vossa bondade.
Fala-nos de vossa Providência.
Instrui-nos na descoberta de vossas perfeições infinitas.
Encaminha-nos ao conhecimento de vossa existência e poder.

Diante de vossos céus e firmamento,
é impossível deixar de cantar a glória que eles mesmos cantam ao vosso nome.

É impossível deixar de surpreender-se
diante do chamado do homem à existência a partir do nada.

É maravilhoso
o ato de criardes o homem à vossa imagem e semelhança,
coroando-o de glória e honra
e colocando-o diante de vossas criaturas quase igual aos anjos.

No mistério da criação do homem,
o mistério de sua própria diaconia:
o universo e toda a natureza para ele dominar e administrar.
No domínio, crescer e ser artífice das culturas que nos revelem vossas obras;
na administração, abrir-se à comunhão de amor a todos os seres que criastes.

Em atenção à nossa finitude e fragilidade,
sois Pai que nos fortalece,
sois Filho que nos serve de modelo de solidariedade
e sois Espírito que nos anima na caminhada.
soprando, em nós, a chama da vocação.
Amém.

HISTÓRIA DOS ENCONTROS, CONGRESSOS E ASSEMBLÉIAS NACIONAIS DE DIÁCONOS

1º Encontro Nacional de Diáconos.

Tema: Diversidade de ministérios na Igreja. Diversidade das funções diaconais. Seleção e formação de candidatos para o ministério diaconal.

Data: 17 a 19 de junho de 1970.

Local: Porto Alegre, RS.

2º Encontro Nacional de Diáconos.

Objetivos:

- Avaliar, acompanhar e orientar a caminhada diaconal no Brasil.
- Ver a situação do diaconato na Igreja do Brasil no presente momento. Identidade diaconal. Organizar uma Comissão Nacional de Diáconos.
- Prestigiar a Igreja do Mato Grosso, que tem participado dos encontros realizados anteriormente.

Data: 26 a 28 de junho de 1981.

Local: Campo Grande, MS.

3º Encontro Nacional de Diáconos e 2ª Assembléia Geral.

Tema: Teologia do diaconato permanente.

Lema: O diácono permanente e a renovação da Igreja no Brasil.

Data: 28 a 31 de julho de 1983.

Local: Santo André, SP.

4º Encontro Nacional de Diáconos e 3ª Assembléia Geral.

Tema: Justiça e fé.

Data: 19 a 22 de fevereiro de 1987.

Local: Brodosqui, Diocese de Ribeirão Preto, SP.

5º Encontro Nacional de Diáconos e 4ª Assembléia Geral.

Tema: O mundo do trabalho em comemoração aos cem anos da Encíclica Rerum Novarum de Leão XIII.

Data: 7 à 10 de março de 1991.

Local: Itaicí, SP.

1º Congresso Nacional de Diáconos Permanentes do Brasil e 5ª Assembléia Geral.

Tema: O diaconato ministério do serviço.

Data: 18 a 23 de outubro de 1994.

Local: Itaicí: São Paulo.

2º Congresso Nacional de Diáconos Permanentes do Brasil e 6ª Assembléia Geral.

Tema: Ministério diaconal na Igreja evangelizadora.

Lema: “Entre vós deve ser diferente”(Mc 10,43).

Objetivos:

- Dar um novo impulso ao diaconato permanente no Brasil.
- Refletir sobre o Diretório e Diretrizes para o Diaconato.
- Aprofundar a espiritualidade da dupla sacramentalidade do diácono.
- Realizar a eleição da nova equipe da CND.

Local: Itaicí: São Paulo.

Data: 24 a 28 de fevereiro de 1999.

3º Congresso Nacional de Diáconos do Brasil e 7ª Assembléia Geral.

Tema: O ministério da Caridade. Diáconos por uma Igreja servidora e um mundo solidário.

Lema: “Crescer em amor mútuo e para com todos” (1Ts 3,12).

Objetivos:

- Levantar as orientações para o ministério da caridade do diácono no Brasil.
- Estudar as Diretrizes para a Vida e Ministério do diácono, aprovadas pela CNBB.
- Eleger a CND para 2003-2007.
- Indicar as novas metas da CND e do diaconato no Brasil.

Data: 18 a 23 de fevereiro de 2003.

Local: Itaicí, Indaiatuba, São Paulo.

8ª Assembléia Geral da CND.

Tema: Diaconias: Uma resposta aos novos desafios da missão da Igreja.

Lema: Diáconos por uma evangelização inculturada e uma sociedade sem excluídos.

Objetivos:

- **Celebrar os 25 anos de caminhada da CND.**
- **Estudar o tema central.**
- **Nos preparar para a V Conferência do CELAM.**
- **Eleger a nova Diretoria da CND para 2007-2011.**
- **Elaborar as metas da CND para 2007-2011.**

Data: 25 a 28 de janeiro de 2007.

Local: Luziania-GO.

9ª Assembléia Geral da CND.

Tema: A identidade do ser diaconal.

Subtema: A Palavra de Deus gerando comunhão eclesial.

Lema: Um só corpo, um só espírito, uma só esperança.

Objetivos:

Data: 07 a 10 de abril de 2011.

Local: Itaicí, Indaiatuba, São Paulo.